

Capítulo 12

Pandemia Empresarial: Óbitos das Empresas Brasileiras

Marcel Caparoz / Paulo Rabello de Castro

31 / julho / 2020

Após quatro meses do início da quarentena no Brasil, os impactos da Covid-19 ainda chocam diariamente nossa sociedade. Até o dia 28/07/2020, foram contabilizadas mais de 87 mil mortes decorrentes da Covid-19, com o espantoso número de infectados na casa dos 2,4 milhões de pessoas. Falhamos, indiscutivelmente, na batalha mais importante que é pelas vidas das pessoas e, pelo cenário que se desenha, iremos falhar também no esforço de sobrevivência das empresas e dos empregos no país.

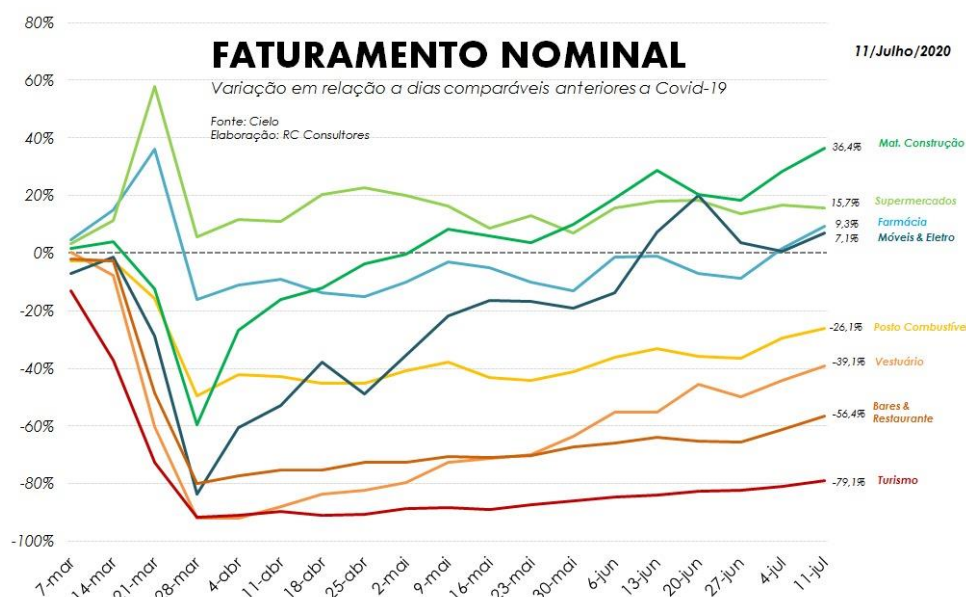
De fato, enfrentamos duas pandemias no País. Uma delas é contra as pessoas físicas, dos indivíduos, da sociedade humana, e a outra, voltada contra a pessoa jurídica, as sociedades empresariais. Os óbitos empresariais guardam clara relação com os óbitos pessoais nesta pandemia. Uma parte destes encerramentos empresariais decorre de uma reestruturação que vai se arrastando pelos meses, com risco de se tornar permanente. A nova maneira de interação econômica, com menor mobilidade urbana, redução dos locais e eventos que gerem aglomerações e contato físico, entre outros fatores, já resultam numa queda relevante das atividades econômicas, sendo que dentro desse "novo normal" - que de normal não tem nada - ainda temos aqueles que se viram obrigados a fechar suas portas, por serem classificados como atividades não essenciais, impactando diversas cadeias produtivas.

OS SETORES MAIS IMPACTADOS

Os grandes impactados são aqueles setores que necessitam e dependem do volume físico de consumo e demanda, como o setor de transporte de massa urbano, principalmente sobre trilhos, com destaque para a situação das grandes regiões metropolitanas do País, em especial Rio de Janeiro e em São Paulo, onde os sistemas estão trabalhando a menos de 50% de sua capacidade total. As operações estão deficitárias há quase cinco meses, e isto é crítico para o setor.

As companhias aéreas também sofrem do mesmo mal, atingindo também o transporte sobre rodas, com redução drástica do movimento das estradas pedagiadas. Por fim, temos sérios problemas no setor do turismo, com impactos extremos no setor hoteleiro e de entretenimento. O gráfico abaixo, que relaciona o ritmo de faturamento

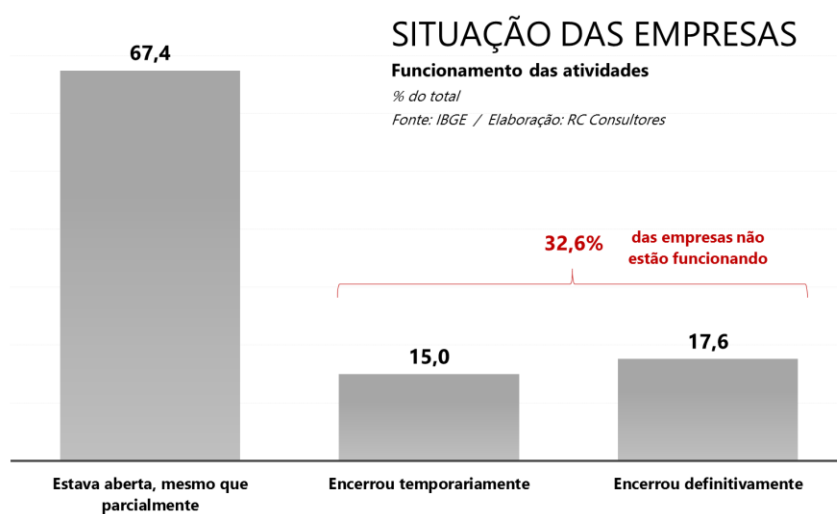
dos setores econômico em relação ao período pré-pandemia ilustra esse quadro de difícil recuperação de alguns setores econômicos, como turismo e bares/restaurantes.



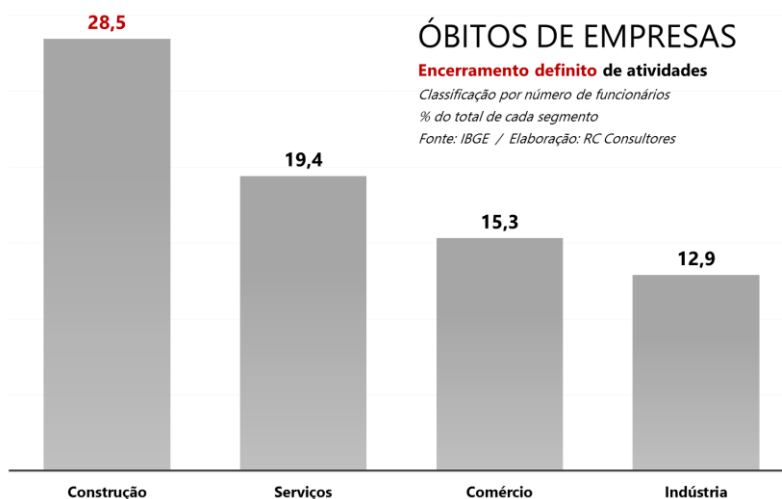
FALTA OXIGÊNIO CREDITÍCIO

Ao lado deste novo normal, que constitui a aglomeração diminuída e o distanciamento social, tem também outro fator que guarda relação com o problema da pandemia humana - a falta de oxigenação e de "respiradores" de crédito - que, no caso das empresas, é dado pela oxigenação financeira, da oferta de crédito em condições apropriadas para o momento enfrentado. Muitos dos óbitos empresariais poderiam estar sendo evitados, impedindo a asfixia financeira e das operações das empresas, em especial as de pequeno porte.

Pesquisa recente divulgada pelo IBGE (Pulso Empresa) retrata o quadro de mortalidade das empresas brasileiras, com indícios dos fatores que levaram até essa situação dramática. Segundo a pesquisa, 32,6% das empresas existentes pré-pandemia já encerraram temporária ou definitivamente suas atividades em decorrência da quarentena imposta pelo governo no combate a Covid-19.

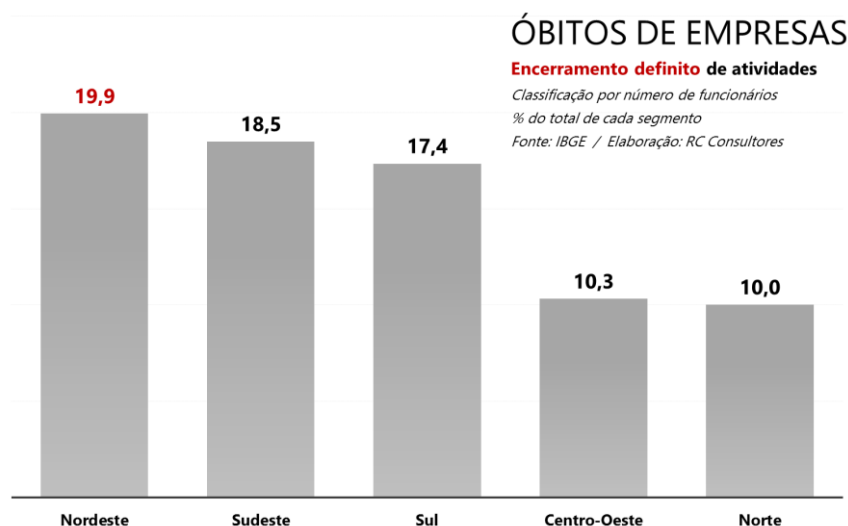


Quando analisamos apenas as empresas que fecharam de forma definitiva, estas já alcançam o patamar de 17,6% de todas as empresas no País. A mortalidade ficou concentrada basicamente nas empresas de pequeno porte (até 49 funcionários), com o encerramento de 17,8% das empresas deste segmento, muito acima do registrado pelas de outros portes como as médias empresas (de 50 a 499 funcionários), que tiveram taxa de mortalidade, por enquanto, de apenas 2,1% do total, e das grandes empresas (mais de 500 funcionários) que praticamente não registraram encerramentos em decorrência da quarentena.



Entre os grandes setores, destaque negativo para a Construção Civil, que viu 28,5% das empresas do setor fechar em decorrência da quarentena da Covid-19. Os setores de Serviços e de Comércio vêm na sequência, com mortalidade das empresas de 19,4% e 15,3%, respectivamente. Por fim, a indústria é quem registrou menor encerramento de empresas, embora ainda registre taxa de 12,9%.

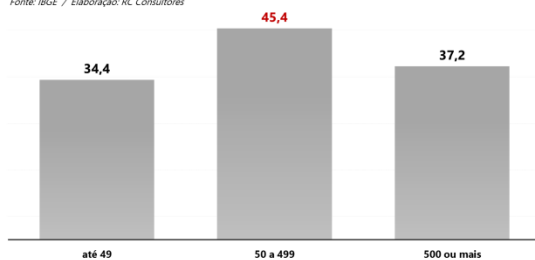
Entre as regiões do País, o Nordeste foi onde mais se presenciou o óbito de empresas, com encerramento de 19,9% das existentes, seguida por Sudeste (18,5%) e Sul (17,4%) com patamares semelhantes. As regiões Centro-Oeste e Norte foram as que menos sofreram com o fim permanente das empresas, com mortalidade de 10,3% e 10%, respectivamente.



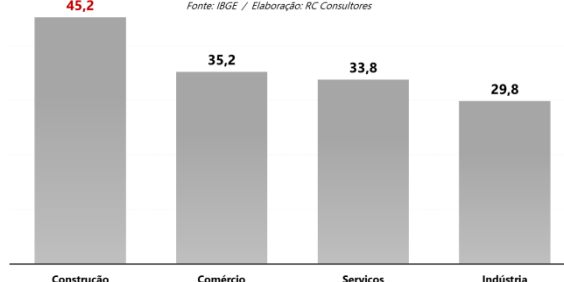
MERCADO DE TRABALHO SEGUIRÁ MUITO FRAGILIZADO

Este quadro de fragilidade empresarial impacta diretamente o mercado de trabalho, com o aumento das demissões e o recuo das admissões, ainda mais no Brasil que possui custos elevados relacionados ao emprego formal com carteira assinada. Conforme o IBGE, 34,6% das empresas registraram recuo do número de funcionários em decorrência da pandemia da Covid-19. Destaque negativo para as empresas médias, uma vez que 45,4% destas tiveram redução do número de funcionários, maior se comparado as pequenas (34,4%) e grandes empresas (37,2%).

DEMISSÃO NAS EMPRESAS
Houve redução do número de funcionários em função da Covid-19?
% do total de cada segmento
Fonte: IBGE / Elaboração: RC Consultores



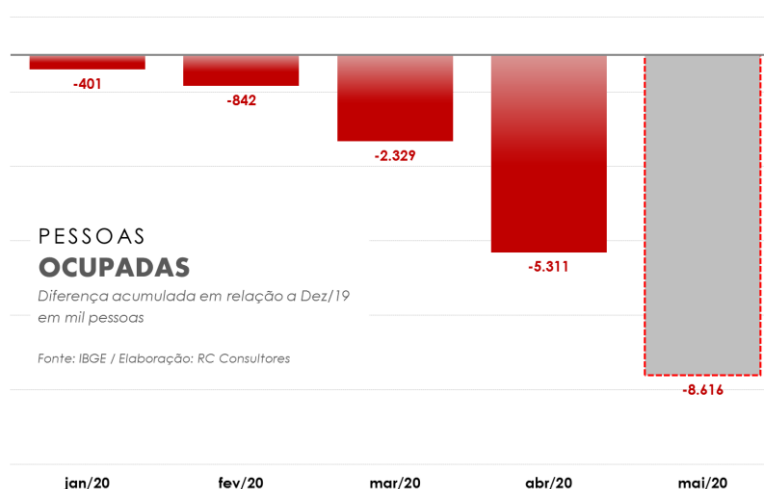
DEMISSÃO NAS EMPRESAS
Houve redução do número de funcionários em função da Covid-19?
% do total de cada segmento
Fonte: IBGE / Elaboração: RC Consultores



Novamente a construção civil foi o setor com maior impacto no ritmo das atividades em decorrência da Covid-19, com redução do quadro de funcionários em mais de 45%

das empresas do setor. A indústria foi quem menos registrou o processo de demissão de funcionário, mesmo assim 29,8% das empresas do setor relataram recuo do número de colaboradores.

Não resta dúvida, através dos dados divulgados pelo IBGE e analisados acima, da tragédia que infelizmente se alastra pelo ambiente empresarial do país. Os óbitos de empresas se espalham em todos os setores e regiões do País. Como consequência, teremos um aumento do desemprego e um recuo drástico da renda disponível para consumo e novos investimentos. Aproximadamente 8,6 milhões de pessoas já perderam suas ocupações no Brasil desde dez/19.



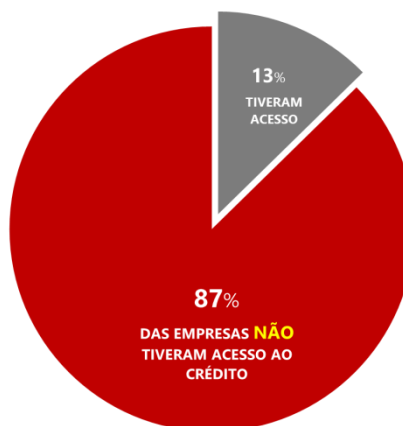
Neste cenário de pandemia, tanto na saúde, quanto na atividade econômica, a pronta atuação do governo seria fundamental para evitar o contágio. É preciso buscar, através de medidas inteligentes, eficientes e fundamentadas na ciência, inclusive na ciência econômica (!), soluções para apoiar o combate à pandemia. O Governo, no entanto, tem falhado nesse suporte tempestivo.

Conforme pesquisa do IBGE, 87% das empresas brasileiras não tiveram acesso a linhas de crédito emergencial para pagamento da folha salarial com apoio do governo. As empresas ficaram desamparadas e entregues à própria sorte. As consequências têm sido a elevada taxa de mortalidade empresarial e aumento do desemprego, que deixarão efeitos negativos estruturais no médio e longo prazos.

APOIO DO GOVERNO

Conseguiram uma **linha de crédito emergencial** para pagamento da folha salarial com apoio do governo?

Fonte: IBGE / Elaboração: RC Consultores



IMPACTOS NAS CONTAS PÚBLICAS

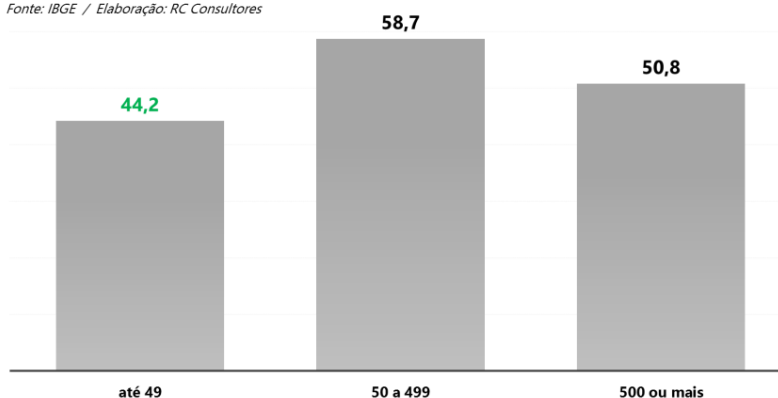
O Governo também será afetado, fiscalmente, pela sobrecarga do adiamento dos pagamentos de impostos e contribuições pelas empresas. Segundo o IBGE, 44,5% das empresas do país adiaram o pagamento de impostos em decorrência da quarentena. As companhias de médio porte são as que mais se utilizaram deste mecanismo, com 58,7% do total, seguidas pelas de grande porte (50,8%). Já 44,2% das empresas de pequeno porte optaram por adiar o pagamento de impostos, em grande parte sem o apoio do governo. (Das pequenas empresas, 51,3% não tiveram apoio do governo, enquanto que as médias e grandes tiveram apoio em 75% das ocasiões).

ADIAMENTO DE IMPOSTOS

Adiou o pagamento de impostos?

% do total de cada segmento

Fonte: IBGE / Elaboração: RC Consultores



Os impactos de curto e médio prazos nas contas públicas serão gigantescos. O déficit público nominal deverá ultrapassar o patamar de 1.000.000.000.000 de reais (É isso mesmo, R\$ 1 trilhão) em 2020, levando o peso da dívida pública a quase 100% do PIB, também por haver um forte recuo do próprio PIB que serve de base nessa comparação. Neste meio tempo, o Governo gasta tempo e capital político no tardio e mal formulado esforço de reforma tributária, Apresentou o PL 3887 que aglutina as contribuições

federais do PIS e Cofins com forte elevação de alíquota sobre os segmentos que recolhem esses tributos na modalidade cumulativa, que deixaria de existir como opção. Haverá grande reação dos prejudicados e dificuldade em se reunir maioria para votar o projeto. Nesse cenário de conflitos políticos permanentes - como antecipado pela RC - a capacidade de retomada dos investimentos públicos no Brasil segue inviável. Seria preciso contar com a atuação do investidor privado e estrangeiro para repor esta lacuna. Mas a oferta de investimentos nesse segmento continua fraca. As críticas à política ambiental do governo em nada colaboram para a recomposição do quadro de baixos investimentos.

CENÁRIO PÓS-AUXÍLIO EMERGENCIAL

A grande incógnita continua sendo o período do pós-ajuda emergencial, no último quadrimestre de 2020, quando cessarem as medidas de socorro do seguro desemprego e do auxílio emergencial aos trabalhadores informais no valor de R\$ 600. Cessarão ou vão minguar vultuosos recursos públicos antes injetados na economia, com impactos diretos no comércio, com destaque em supermercados e materiais de construção. Nos Estados Unidos, o Governo tem injetado US\$ 18 bi por semana através do auxílio desemprego para mais de 30 milhões de pessoas, além de US\$ 520 bilhões em crédito para pequenas empresas do país, na tentativa de sustentar a economia. Mesmo assim, a queda do PIB dos EUA no 2º trimestre de 2020 foi recorde, com retração de 32,9% em termos anualizados.

Na ausência de recuperação completa das atividades e se persistir da fragilidade do mercado de trabalho no Brasil, teremos uma piora considerável do quadro de anemia econômica e empobrecimento aberto no país, com recuo geral da demanda, e o Governo tendo que enfrentar, pela primeira vez, um teste ácido de popularidade. Ao início de setembro, os sinais desse empobrecimento ficarão evidenciados. Teremos, então, como avaliar melhor a gravidade do quadro social brasileiro.

CONTATOS

MARCEL CAPAROZ

marcel@rcconsultores.com.br

TELEFONE

(11) 3053-0003

www.RCConsultores.com.br

A RC Consultores elaborou este informativo com dados disponíveis até 31/ 07/ 2020. Apesar de cuidar da exatidão desses dados, a RC Consultores não se responsabiliza pela total precisão das informações que poderão, eventualmente, estar incompletas e / ou resumidas. A RC Consultores também não se responsabiliza por qualquer operação que venha a ser feita considerando os prognósticos sobre o comportamento dos ativos / indicadores aqui mencionados.